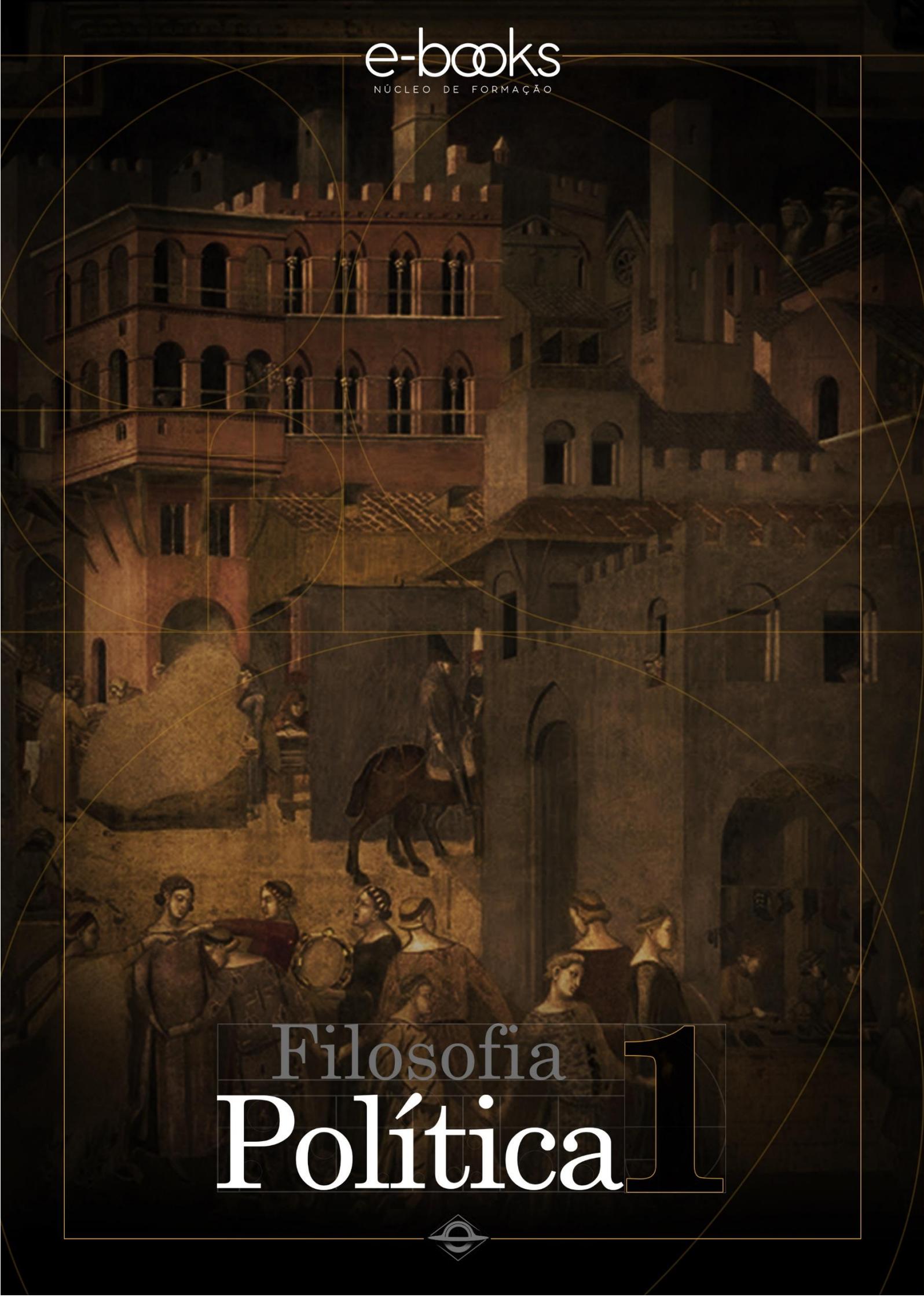


e-books

NÚCLEO DE FORMAÇÃO



Filosofia
Política



Introdução

Este é um **curso** de oito aulas que tem como pretensão enfrentar uma temática difícil e extenuante para o campo da Filosofia Prática: **a investigação das raízes profundas da Filosofia Política na Civilização do Ocidente**. Dentro desse plano de investigação, o curso toma por base três perspectivas distintas que serão, ao longo das aulas, interconexas.

As três perspectivas:

Antropológica: as fontes do **eu na civilização**, como entendemos o eu do ponto de vista filosófico, sobretudo naquilo que se aproxima das raízes da Filosofia Política – e o que nos faz perguntar **qual seria a relevância do eu para a Filosofia Política**. Aqui lidamos com aquelas faculdades humanas que têm maior afinidade ao âmbito de investigação da Filosofia Política: a Vontade, a Consciência e o Intelecto Prático.

Sociológica: uma investigação da **sociedade unitária e organicamente considerada**. Assim como na Antropologia investigamos as fontes do eu, na Sociologia **investigamos as fontes do nós**. E de que maneira as fontes do que chamamos nós explicitam alguns aspectos, ou algumas características, que são necessárias para o entendimento do que é imprescindível para o âmbito sociológico.

Filosofia Política: é a de unidade entre as outras duas. **Lida com as fontes do Todo, ou as fontes daquilo que congrega o eu e o nós**. É importante lembrar que são as articulações do eu e do nós que formam o escopo desta disciplina filosófica e científica.

Canais de conexão entre as perspectivas:

Existem ainda alguns canais de interseção entre essas três perspectivas, mas **apenas dois canais que conectam essas três, de uma maneira fechada, serão estudados. O primeiro canal é o da linguagem específica da Cosmologia – a linguagem específica do que conecta o eu e o nós e o Todo.** E essa primeira chave de natureza linguística pode ser **expressa na simbolização da Ordem.** Simbolização esta que se constitui como o mecanismo linguístico expressivo que manifesta nos seus campos designativos os canais de interseção e conexão dessas três perspectivas. O **segundo canal** de conexão é o que tomaremos aqui como **a natureza da ideia de representação política na História Ocidental, de que maneira a representação política é um elemento chave no modo como compreendemos o eu e o nós no Todo.**

1- A perspectiva Antropológica:

A Filosofia Política é uma filosofia que **investiga as condições da Ordem** e, ao mesmo tempo, é uma área da Filosofia que **busca estudar o modo como os seres humanos se ordenam e se abstém de realizar certas ações em determinados contextos sociológicos e mundiais e/ou globais.** Toda ideia por trás da Filosofia Política **exige**, em primeiro lugar, uma perspectiva metodológica, que é **o afastamento do investigador do seu âmbito pessoal de experiência para analisar a sua condição e a dos outros na polis aonde vive.** Todo nascimento da Filosofia Civil, que é a Filosofia Política – e também a Filosofia Moral e do Direito – surge de um afastamento do investigador do seu âmbito pessoal de experiência. **E este afastamento traz três consequências primárias** absolutamente notáveis e imprescindíveis para o desenvolvimento da Filosofia Política.

O afastamento experiencial:

A experiência de convivência com os outros pode lançar alguma luz sobre si, mas não lança respostas definitivas sem o afastamento fictício que alguém trava ao seu contexto pessoal de experiência. **Quando se afasta da sua condição pessoal de experiência, a primeira condição que o investigador chega é a de que ele passa a se ver como um ser cuja condição de existência é compartilhada com os outros.** Por exemplo, vivo numa família e numa comunidade, mas somente a partir do momento que, através de um ato de intelecção, crio uma ficção que é o meu afastamento desse âmbito pessoal de experiência – dentro do qual estou –, consigo sondar certas respostas e certas propriedades que explicam as perguntas necessárias para a condição humana. E, portanto, as respostas condizentes com os aspectos e destinos da minha condição pessoal. **Passo a tomar a minha condição não de um ponto de vista meramente experimental, mas dentro de um ponto de vista existencial – o que é mais profundo.** E, desde então, sou convidado a observar particularidades da minha condição que me levam a constatar uma espécie de unidade analógica com os demais seres com os quais convivo. **Eu passo a entender que há certas dependências,** há um conjunto de necessidades, há um conjunto de utilidades, há um conjunto de bens necessários para o florescimento dos membros que convivem comigo, que são todos bens que nós compartilhamos. **E compartilhamos não só porque temos experiências comuns e análogas, temos uma condição de existência que é superior e intangível se comparada à mera experiência.**

A metalinguagem:

A segunda resposta que é obtida mediante a esse afastamento do âmbito pessoal de experiência. Se a primeira é a condição existencial, a

segunda é o fato por detrás da linguagem ordinária com a qual me comunico com os outros – isto é, por trás da linguagem natural que empregamos para designar objetos do mundo e designar as pessoas. **Há igualmente uma linguagem mais profunda a partir da qual essa linguagem ordinária deriva e se determina como mecanismo de comunicação humana.** Essa metalinguagem profunda que paira sobre a linguagem ordinária **é o que chamamos de um plano de metalinguagem. É precisamente aquilo que veicula um signo e um significado relativamente a um objeto que é significado de maneira universal e comum.** Em todas as línguas, por exemplo, existe uma palavra para designar o objeto caneta, no entanto, os termos que são empregados por cada gramática são distintos. Ainda assim, o emprego desses termos distintos de todas as gramáticas designam um mesmo objeto que é idealizado como tal. Esta idealização de um objeto faz recair sobre ele certas características e certos predicados que o definem como tal. **O que faz com que esse objeto seja um recipiente de predicções é precisamente essa metalinguagem que paira sobre a linguagem ordinária. Sendo assim, a metalinguagem se torna um veículo de ordenação das coisas na realidade experimental – o modo como encaramos essas coisas num horizonte de significações.** A caneta serve para escrever, para desenhar, etc., são diversas as suas funções, o que faz com que todo esse repertório de funcionalidades que esse objeto possa ter suponha um lugar comum dentro do qual esse objeto esteja situado. E esse lugar comum é precisamente uma narrativa de significações. Uma narrativa que envolve outros objetos, outras coisas, e que envolve também a intencionalidade humana.

A narrativa de sentido:

A terceira resposta está conectada às anteriores. A segunda resposta que obtemos com o afastamento do âmbito pessoal nos diz que há uma

conclusão à respeito da conclusão existencial, só que esta é explicitada dentro de uma narrativa de sentido. **A narrativa de sentido exige que eu, todos os outros e os objetos do mundo sejamos vistos dentro de uma narrativa ordenada.** Ou seja, se ninguém soubesse para quê uma caneta serve, teria pouca significação. Só tem algum sentido dentro de uma narrativa maior que diga que a caneta serve para desenhar, fazer anotações, etc. Dessarte, **sondar o sentido é veicular aquele objeto a um horizonte mais amplo de significação e a minha condição de existência supõe esse plano narrativo de fundo.** Não sou alguém isolado, interajo e convivo com os outros e o modo de convivência com os outros exige uma comunicação que precisa estar embasada num plano superior de significação para que, ao me comunicar com os outros, possamos ter um plano de sentido profundo mitigado e oculto na nossa comunicação. Tentou-se, ao longo do século XX, esgotar todo o nível de significação através de termos e expressões. Este era o grande sonho da Metafísica descritiva da Filosofia Analítica. O grande problema é que jamais iremos esgotar o horizonte narrativo porque ele sempre se manterá aberto, por mais que o descreva. Achava-se possível porque para a Filosofia Analítica não existe essência, só existe o objeto e este compõe um predicado que deve ser descrito no máximo limite. Mesmo assim, **por mais que se escreva no limite, esse objeto jamais será esgotado na sua significância e ela continuará em aberto. O sentido adjacente a uma narrativa envolve outros objetos e outros sujeitos, assim sendo, para interpretar esse objeto precisa de outros objetos e outros sujeitos.** Se levarmos para o lado do *eu* e do *nós*, para interpretar a mim mesmo e aos outros, também preciso de outros objetos e de outros seres humanos. É por isso que Aristóteles diz que o ser humano é um animal político que só vive na comunidade. **Eu só consigo interpretar a mim mesmo interpretando-me nos outros e com os outros, sejam eles alguém ou algo, sujeitos ou objetos do mundo.**

A Ordem:

A partir do momento em que o observador se afasta do seu mundo pessoal de experiência, ele chega a uma resposta sobre a sua condição de existência. Também chega a uma resposta sobre o plano de fundo que, de alguma maneira, veicula e permite dar vazão a sua comunicação, que é a metalinguagem – ou seja, uma narrativa de sentido que faz com que a vida humana tome um significado. O que leva a concluir que, **entre os objetos que são reivindicados para dar significado a algo ou alguém dentro dessa narrativa, é necessária uma noção anterior que determine o lugar de cada um dos objetos do mundo. O nome disso é Ordem.**

Toda a Filosofia Política nasce como um tipo especial de investigação para sondar exatamente qual é o significado profundo da Ordem, o que está por detrás do plano da narrativa – o que está atrás dessa narrativa de sentido, onde as coisas vão encontrando significado.

Nomos (Νόμος):

É palavra grega resgatada pelo autor do século XX, Carl Schmitt, que **define ordem** e também pode ser entendido como **regra ou norma**. *Nomos* é a expressão dessa Ordem, que sempre foi **um desafio para a sabedoria natural e para a Filosofia** desde os seus primevos tempos. Tenta-se, desde a Antiguidade, explicitar e desvelar essa Ordem. **A literatura grega tentou explicitar essa Ordem com alusões míticas representadas através de Zeus e dos deuses do Olimpo.** Contudo, não somente se restringe à Mitologia, pois todas as tradições religiosas tendem a lançar respostas sobre essa Ordem. **Há diversos dilemas, inclusive, dentro das tradições criacionistas de como essa Ordem foi arquitetonicamente construída** e quais são as limitações humanas para o seu conhecimento. Inclusive se desenvolveram doutrinas gnósticas sustentadas no aforisma da Esfinge – quanto mais se tenta tocá-la mais ela

lhe devora e mais você fica distante dela. É o mesmo tipo de perspectiva que se abre no início dos tempos, no início da Filosofia para o correto e adequado entendimento do que é essa Ordem, de modo que **no contexto das raízes da Filosofia, desenvolve-se toda uma tradição gnóstica que tenta, de alguma maneira, desvelar o que é essa Ordem. A identificação e a inteligibilidade dessa Ordem lançam não mais apenas luzes, mas as respostas definitivas sobre o que, afinal de contas, é o mundo e qual é a nossa condição dentro dele.**

Conflitos de Ordens:

Existe uma confiança que a Ordem é o princípio da própria História. Quando uma Ordem conflita com outra Ordem, no sentido de uma tradição, e tem-se que decidir uma questão, existem três modos de se resolver o impasse. O primeiro é a Guerra – o mais forte vence porque Deus, ou os deuses, quiseram. Logo a Graça Divina é a força sobre a qual Aquiles entrou em cena e destruiu todas as possibilidades dos troianos. A segunda é o **diálogo de pesquisa racional**. Isto é, irá ser contrastadas as bases de cada uma dessas linhas, dessas respostas sobre a Ordem e, pela sabedoria natural, será decidido eliminar aquilo que a Razão não é capaz de alcançar. Ao atingir um denominador comum, será traçado um plano de investigação para tomar o conceito de Ordem segundo essa concepção comum. **A terceira resposta coincide com uma visão radicada na historiografia de Heródoto – o teste de fogo da História: qual civilização, ou cosmovisão, durou mais tempo?** Este teste envolve uma variedade de perspectivas que são as duas anteriores e tem outras como a capacidade racional dos seres humanos naquela concepção específica de Ordem para lidar com os fatores de produção material e subsistência da espécie humana. Ou seja, toda a ideia de uma civilização está centrada numa espécie de geometria da Economia – como irá empregar técnicas, usando recursos naturais para, através de um

sistema específico de plantação, criar uma espécie de horizonte geométrico que nos permite certos modos de vida específicos. Assim sendo, a geometria da economia, da sobrevivência da espécie humana, depende da maneira como vamos lidar com a natureza.

Dentro da questão do conflito das Ordens, é possível alegar que a Globalização acelera o conflito das Ordens vigentes? Estaria sempre em conflito, sob teste de fogo? Todo os grandes debates da Filosofia Política se dão em cima de dois autores: Aristóteles e Thomas Hobbes. Um diz que a Ordem é condição natural da humanidade e o outro alega ser a Guerra. Poderíamos concluir que é um pouco dos dois, pois no tempo em que vivemos, isso aparece de um modo mais claro. **Uma coisa, no entanto, é indubitável: os seres humanos não perseguem a Guerra e o conflito como horizonte natural; eles criam artifícios para a consecução do conflito da guerra, porque é sempre desejável a paz.** Mesmo com Zygmunt Bauman, a liquidez e a falta de padrões que determinam a Globalização, a sociedade líquida lança uma resposta da estabilização humana por meio da paz. E essa busca da paz é uma resposta sobre a condição humana, e o que é uma resposta mais satisfatória em prol da Ordem do que da Guerra. A tendência de quem vislumbra a guerra como condição natural da humanidade é a de centrar todo o modo próprio de vida humana no acesso aos recursos naturais escassos para as sociedades humanas. Escassez gera o conflito que, por sua vez, gera a guerra. Só que é uma visão precária da natureza humana porque ignora todo esse outro horizonte que faz com que seres humanos transcendam as suas experiências e busquem algo a mais que respondam suas angústias e expectativas sobre si mesmos. Fosse o modo meramente econômico a única resposta passível da humanidade, a Ordem seria um mero recurso artificial e, se fosse assim, jamais teríamos qualquer abertura para encontrar o outro que está em nós.

E por que investigamos aquilo que está em nós e no outro? **Há algo que transcende a nós mesmos, a nossa própria subsistência da**

espécie. A conservação da espécie não é o único motivo de vida e, se não fosse assim, não teria razão para estarmos aqui. Estamos aqui para encontrar a Ordem e viver como ser humano é buscar uma Ordem interior e exterior. **Os humanos estão em busca da Ordem em si e no outro.**

As três tradições:

Foram desenvolvidas na Antiguidade três tradições para responder o que é essa Ordem – o que é o *nomos*; ou o que é a Ordem do mundo, que é o *nomos* da Terra, como diria Carl Schmitt – **e quais as condições dessa Ordem, mostrando como a Natureza (*physis*), como a Sociedade (*éthos*) e como o Mundo dos primeiros princípios (*logos*) se articulam entre si.** Em todas essas três tradições existe uma convicção que é a de que todo o *eu* e todo o *nós* são explicitamente demonstráveis segundo essa Ordem. **Há quase uma crença primitiva de que nessas três tradições o ser humano e a Sociedade são explicáveis segundo a Ordem,** ou seja, há uma confiança absoluta de que essa **Ordem é o princípio da Civilização e da História.**

a) A tradição poético-literária: tenta explicitar a **Ordem desde uma perspectiva imagética e simbólica.** Não há condições para que a razão natural atinja substancialmente esta Ordem, embora consigamos, segundo a razão natural, atingir a essência das coisas de acordo com um método adequado e específico que pode ser o da Física ou da Metafísica. **Não há, todavia, a menor condição de identificar a essência de Deus, ou a essência do *conceptor* dessa Ordem, de modo que o único recurso que há para explicitar, de um modo meramente simbólico essa Ordem, é o plano literário e poético.** Um recurso linguístico, pela sua própria abertura e pela sua própria universalidade, torna-se capaz de explicar, segundo a *ars inveniendi* e as *ars poética*, a

concepção do mundo e a sua Ordem correspondente. O que fizeram exatamente Homero, Hesíodo, Virgílio, Horácio, Ovídio e os demais grandes poetas do mundo greco-latino.

b) A tradição do *logos*: radicada no *logos*, **procura sondar as propriedades da Ordem e do Universo através da razão natural especulativa**, ou seja, daquilo que a prática e a técnica são capazes de alcançar. Temos como exemplo toda a obra dos filósofos pré-socráticos – como Tales de Mileto, Anaximandro, Anaxímenes, Pitágoras, Parmênides, Heráclito, etc. – e de Sócrates, Platão e Aristóteles. Pelo uso da razão especulativa e pelo uso da razão prática, tais filósofos sondaram as propriedades adjacentes aos atos humanos e a investigação racional humana até onde se chega **o conhecimento das causas das coisas, portanto, das causas do mundo e das causas da Ordem.**

Primeira tradição X segunda tradição: filósofos como Platão valeram-se das armas que a primeira tradição – a poético-literária – legara para aprofundar exatamente aquilo que a razão natural não era capaz de fazer sozinha. Ou seja, **naquilo que a razão natural não conseguia avançar, usava-se os recursos da literatura para ultrapassar as barreiras para além do que a razão natural, dialética e analítica eram capazes de alcançar. Reintegrou-se a tradição literária, consciente de que ela era Mito**, e veiculou-a através de uma perspectiva que era mais metodológica do que propriamente baseada na convicção, ou na crença, ou em matérias de fé, de modo que na perspectiva dessa tradição que **se sustenta num modo de investigação da Ordem que parte do *logos*, há um guia cuja direção é dada pelos primeiros princípios do conhecimento**ⁱ. Estes são os diretores desse método de investigação da Ordem e **há uma disciplina que serve como uma espécie de coroamento dessa tradição: a Metafísica.** No entanto, vale

ressaltar que **a Metafísica não depende da Poética sob o ponto de vista metodológico, mas** toda investigação especulativa no campo da ciência dos primeiros princípios – que é a Metafísica na Antiguidade – de alguma maneira **depende de todo o repertório de imaginação fornecido pela Poética ao longo dos tempos**. Não existiria Anaxímenes, Anaximandro, Pitágoras e Tales de Mileto sem Homero. Não existiria Heráclito e Parmênides sem Tales de Mileto. E não existiria Sócrates sem Heráclito e Parmênides, e nem existiria Platão sem Sócrates e nem Aristóteles sem Platão.

A Metafísica: é o estudo das causas e do objeto que, do ponto de vista predicativo e nominal, **responde a respeito do que é essa Ordem e do que é a conjuntura dos objetos e dos seres que integram essa mesma Ordem, isto é, o que chamamos de Ser**. O Ser e as suas causas constituem o objeto da Metafísica como ciência primeira e este é o ponto mais alto que se pode chegar à sabedoria natural.

c) A tradição revelada: é a terceira tradição. Ela se sustenta na descrição narrativa de um ato segundo o qual **o próprio criador da Ordem se faz notar, ou está presente de algum modo**. Nessa tradição existe uma convicção absoluta dos membros que catalisaram o movimento dessas civilizações em relação ao movimento que as formaram. Por exemplo, o povo de Israel se sustenta, em grande medida, na convicção descrita no livro Gênesis sobre os pais da humanidade – pai Abraão, pai Jacó e, depois, sobre as doze tribos de Israel. Já a tradição cristã se apoia nessa tradição revelada, mas dá a ela uma visão mais especial, pois o próprio criador se faz presente na humanidade, ele se torna carne humana. E a tradição islâmica se baseia na tese segundo a qual o profeta Muhammad teria recebido do Arcanjo Gabriel a tábua de iluminação para os povos. Ou seja, cada tradição

revelada, ou proto-revelada – no caso do Islã –, **depende, de alguma maneira, de uma narrativa segundo a qual o espiritual se mostra ao que é histórico.** Ele se revela ou se manifesta ao Tempo, o Eterno se revela à História e ao Temporal, o supra histórico se mostra histórico. É precisamente essa descrição originária que reverbera nos seres humanos, a percepção do sentido de vida e de história que esses seres humanos terão ao longo de sua existência.

O exemplo de Roma: A tradição romana é um pouco das três tradições. Tem a tradição literária fundamental, representada por Virgílio, e a explicitação literária daquilo que Virgílio conseguiu reverberar no campo da musicalidade poética na *Eneida*. **Há também uma profusão de costumes religiosos que vão a época da fundação de Roma,** a partir do enterro dos pais de Rômulo – 753 a.C. Toda a civilização romana nasce a partir de um costume religioso que é o ato de enterrar os restos mortais dos pais de seu fundador num local específico – o Monte Palatino – e dali se expande no tempo e no espaço, o exército dos patrícios, dos patres, fundadores de Roma, e toda a classe dos imigrantes posteriores, os plebeus. Passam-se os períodos da Monarquia, da República e do Império. E Roma expande a partir de um fenômeno religioso. **No entanto, tanto no campo da tradição religiosa não revelada e no da literatura há um entremeio, o desenvolvimento do Direito Romano, uma Filosofia prática.** Ou seja, apesar das tradições religiosas e literárias, todas as instituições do Direito Romano nascem de uma sabedoria prática. A necessidade em como resolver certos conflitos particulares fez nascer o Direito Civil. **Daqui pode-se concluir que todo desenvolvimento, o qual nasce do modo como lidamos com a sociedade humana e conflitos humanos, gera as Instituições** – o foro romano, pretores, fiscais, questores, senado, temas políticos, o principado político. Quem expressa a Ordem é o Império, o imperante, o

que, mais uma vez, nos faz concluir que **é sempre a busca pela Ordem que está por detrás dessas instituições.**

Conclusões sobre as três tradições e como se conectam:

Na primeira tradição o veículo do espiritual com o temporal é descrito desde um ponto de vista imagético. As condições de veracidade são bastante precárias e sujeitas a dúvidas. **Existe uma aderência incondicional,** mas por detrás dela há uma condicionalidade que está na esteira do grau de adesão que a obra literária suscita nos seres humanos. **Na Metafísica isso é mais forte ainda, pois o único grau de convicção é o que a Natureza capacita para tal.**

A terceira tradição é diferenciada pelo “revelar-se” do sobrenatural para o natural, o que geraria um grau de confiança absoluto, algo que não é tão compartilhado na primeira tradição e tem um grau de composição na segunda tradição restrita ao horizonte da razão natural – ou seja, tudo o que a razão natural é capaz de concluir.

Deve-se ressaltar que a falta de fontes claras pode ser o diferencial entre a tradição poético-literária e a tradição revelada ao classificar uma religião anterior, ou até mesmo as politeístas, como a do Antigo Egito.

Há, no entanto, **um dado curioso na terceira tradição que é o fato da Fé e da Razão se conectarem.** Há toda uma Antropologia concebida na tradição revelada, uma concepção do que é a natureza humana. Esta concepção nos diz que na tradição judaico-cristã, **o ser humano é tomado como uma criatura e como uma imagem de Deus que se torna semelhante a Deus por um ato de filiação.** Em outras palavras, a imagem de Deus se torna semelhante a Deus na medida em que, por meio de sinais – que no caso da Igreja Católica são chamados **Sacramentos** – o ser humano torna-se filho do próprio Deus. Isso é a passagem da condição de criatura para a de filho. Também há a perspectiva do **Sinal** que é a

manifestação do invisível no visível, que permite que este que adentra a tradição se torne mais partícipe da Ordem concebida pelo criador. **Essa perspectiva não é tão compartilhada nas primeiras tradições, que dependem de uma variedade mais rica – a partir do simbólico – de rituais de liturgia pagã.**

O que há, contudo, de comum entre as **três tradições**? Em todas elas **existe algo chamado simbolização da Ordem.**

A simbolização da Ordem:

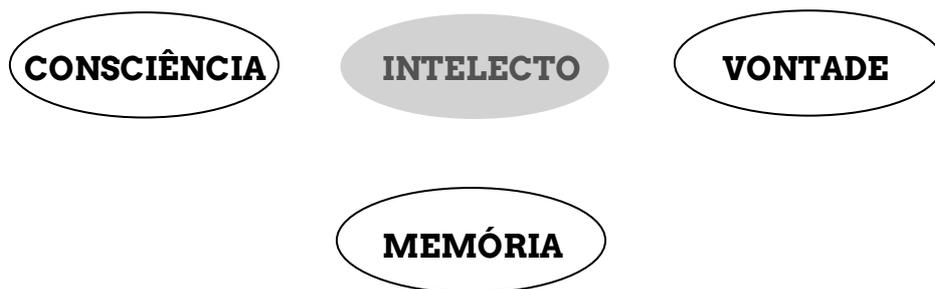
A Ordem nunca é vista de uma maneira simples, absoluta. É sempre vista por predicados e pelos seres humanos que a compõem. Isso ocorre porque temos limitações que são naturais ao nosso intelecto. O nosso intelecto tem de lidar com certas características dessa Ordem, certas noções e predicados que nos permitem um maior conhecimento de algumas categorias dessa mesma Ordem, mas **não somos capazes de interagir nessa Ordem por absoluto em razão das nossas limitações naturais. Dessa maneira, sempre visualizamos essa Ordem de um ponto de vista meramente conceitual.**

Na tradição revelada e na tradição literária, a capacidade divina está em falar e fazer as coisas simultaneamente. Na tradição revelada, Deus fez todas as coisas através do Verbo. *Deo dixit* – Deus disse. Deus disse “Haja Luz”. Quando Deus fala, Ele faz. Na tradição literária, não é muito diferente. Zeus, quando concebe o Olimpo, supõe uma imagem no plano humano imprecisa e precária dessa imagem que está no Monte Olimpo. Há conexões entre a Ordem perfeita e a imperfeita. Portanto, **em ambas as tradições você suscita compreensões que são, de algum modo, análogas sobre a Ordem, mas aquilo que podemos fazer à respeito é apenas dizer conceitualmente que a Ordem é isto ou aquilo – ou que tal coisa é parte da Ordem ou não.**

A simbolização da Ordem sempre aparece dentro de qual tradição venhamos a estar, e desde um ponto de vista linguístico. Poderíamos dizer que, **para imaginar a Ordem, temos que lidar com conceitos da Ordem e estes definem os modos de predicação desta mesma Ordem.** É ordenado ao ser humano que haja de maneira honrosa ou viciosa. Estamos predicando a Ordem no campo dos hábitos humanos, que são as Virtudes e os Vícios. É ordenado que haja um sistema político cujas instituições funcionem e atuem segundo uma razão de bem comum. Por outro lado, é patológico um sistema político que favorece a corrupção. Em todos esses exemplos que são inteligíveis para nós, **supomos uma noção anterior de Ordem e esta é uma noção conceitual.**

O Intelecto e suas operações:

Como passamos da simbolização da Ordem para o mais irreduzível da Filosofia Política, o *Self*? Isso supõe um envolvimento das faculdades humanas como Intelecto, Consciência, Memória e Vontade. Ou seja, a inteligibilidade conceitual da Ordem pressupõe que o Intelecto ordene as suas operações em parceria com a Consciência, com a Memória e com a Vontade.



O Intelecto no centro orbital de análise, a Consciência e a Vontade no entorno e, em segundo plano, abaixo, a Memória.

Para especular essas faculdades humanas, **é preciso supor que, previamente, haja uma Ordem sem a qual não sou capaz de entender a mim mesmo e a estrutura que está em mim e me capacita ver a**

Ordem nas três tradições. Para entender a Ordem da tradição literária, tenho que supor um tipo específico de conceito sobre a Ordem, o que envolve vários predicados como Zeus, Palas Atena, Hera, Apolo, Poseidon, Cronos, etc. Por exemplo, pegue a Genealogia divina, Hesíodo, a *Teogonia*, e trace um plano de investigação sobre a herança divina. Isso exige uma Ordem sem a qual não sou capaz de fazê-lo. **Preciso saber como a minha Consciência, Intelecto, Memória, Vontade vão operar a reta investigação disso.**

A tradição da sabedoria natural do *logos* funciona da mesma maneira. Eu preciso distinguir as operações individuais – o que a razão faz, o que a técnica faz, o que a razão especulativa faz – e, na tradição revelada, eu também preciso saber disso. **Sem distinguir o Intelecto, a Vontade, a Memória e a Consciência, não tenho como explicar o modo como os seres humanos são concebidos por imagem e semelhança a imagem do seu criador.** Eu não tenho como vislumbrar, segundo a visão judaico-cristã, como o ser humano é concebido por Deus. Tenho de supor uma Antropologia de fundo que encare essas faculdades humanas desde um ponto de vista ordenado internamente, ou seja, uma ordenação daquilo que é mais profundo e essencial em mim, no *Self*, no *eu*, um *eu* profundo, o *deepself*.

Queremos saber mais precisamente como essas quatro faculdades se conectam entre si, mas mantêm cada qual uma certa autonomia. Essa autonomia é exigida para identificar como esse *eu* é reconstituído desde um ponto de vista investigativo de modo que, **assim como existe uma limitação para o Intelecto – que está na Consciência, Vontade e Memória –, existe a mesma limitação no próprio Intelecto para sondar a Ordem e suas propriedades Ontológicas.**

Na tradição literária, na tradição racional e na tradição revelada, o reconhecimento das limitações do Intelecto dentro dessa ordenação interior é um requisito *sine qua non* para a reta e a adequada inteligibilidade dos predicados da Ordem, sobre a qual suplanta-se esses

limites e **passa-se a supor que o Intelecto é suficientemente capaz de interligar a totalidade da Consciência, a totalidade da Vontade e a totalidade da Memória e, por tanto, a totalidade da Ordem e dos seus predicados. O nome que se dá para isso é Gnose.** Vale ressaltar que o Intelecto é mais do que o raciocínio lógico – pois este é uma propriedade da razão especulativa, a propriedade em formar juízos a partir de conceitos e conceitos a partir de juízos. É uma faculdade humana que dirige o ser humano à Verdade, ao que é o Bem, portanto, conecta-se à Gnose.

Gnose:

Fundadora de uma corrente filosófica chamada Gnosticismo, é a **crença segundo a qual o Intelecto é capaz de conhecer a totalidade da Ordem e, portanto, a totalidade do seu próprio interior. A Gnose é a capacidade de captar a Verdade e o Bem.** Há uma convicção errônea no gnóstico de que ele é suficientemente capaz de inteligir a totalidade da Ordem e, portanto, a totalidade dos seus predicados e, concomitantemente, da Verdade e do Bem. Isso levou a tradição gnóstica, sobretudo nos primeiros tempos e logo após o início do Cristianismo, a conceber uma **tese que é altamente condenável do ponto de vista Teológico pela tradição revelada cristã. É a tese da chamada Visão de Deus.**

O gnóstico parte da tese que Deus é visível pelo intelecto e porque Deus é visível, o gnóstico é capaz de atingir a perfeição. E se ele é capaz de atingir a perfeição, a sua vida só tem sentido porque ele é perfeito. Então, toda a ideia de Virtude e Vício não faz nenhum sentido e toda a ideia de Potência e Ato – relativamente, a essência humana – também não faz sentido. Ao ver Deus, o gnóstico atinge o grau de perfeição e esta é a visão gnóstica que atinge o grau mais profundo. **Ter a visão de Deus é ter toda a Virtude. Todo aquele que atinge a virtude perfeita, ou estado de**

beatitude absoluto, possui uma ponte direta do Céu com a Terra, e vice-versa, e portanto, está em condições de determinar o que é o Bem e a Verdade para os demais. Todos os líderes gnósticos que passaram nos primeiros tempos do Cristianismo até a Idade Moderna tinham precisamente essa convicção no pano de fundo das suas respectivas teologias ou filosofias. **A ideia de que eu sou capaz de determinar a Verdade porque eu vi Deus.**

Desta convicção profunda, o passo a seguir para uma quase sequência aritmética, no contexto moderno, é Deus não existe, ou Eu Sou Deus – sou Deus de mim mesmo e sou Deus para os outros. Isso já existia no Mundo Antigo, no entanto, no contexto moderno ganha uma popularidade no campo filosófico, antropológico e, depois, no sociológico. Toda compreensão moderna do que é o ser humano é uma compreensão que o toma como indivíduo ou sujeito. Se assim o definirmos, recortamos uma parte dele. E esse recorte tem de vir de algum lugar. Esse lugar é aquele que não reconhece no ser humano um mistério relativamente a sua conjunção e possibilidade de inteligir a realidade – por exemplo, eu não confio mais nessa possibilidade, ou eu confio de modo tão absoluto que eu reduzo o humano a um único aspecto.

A nossa vida é uma vida em tensão, toda a tradição gnóstica está apoiada numa vida que não é tensional, com a ideia de que somos capazes de ver Deus nesta vida. **Toda perspectiva anti-gnóstica sustenta a ideia de que a vida humana é constituída por tensões e contradições e que a História é um palco de tensões e contradições.** A vida humana é um palco de tensões e contradições, portanto, não há aperfeiçoamento, não nos tornamos mais perfeitos do que éramos, continuamos a mesma coisa do que éramos. **A ideia de perfeição, perfectibilidade humana é o engano gnóstico que leva o ser humano a tomar uma consciência de si que é absolutamente errônea da sua atual condição.** O ser humano não é perfectível. **A ideia de perfeição não está nesta vida, e porque não está nesta vida, não existe perfeição na História – as sociedades não**

se aperfeiçoam. Não existe a ideia que o século XX foi melhor do que o XVII e que este, por sua vez, foi melhor do que o século XIV, porque a História é um palco de tensões e contradições. Em alguns momentos estamos melhores, em outros nem tanto, mas, no fundo, sempre há algo “ruim” dentro de nós que reivindica a sua estatura epistemológica.

Recursos Linguísticos:

Nas três tradições, portanto, **a simbolização da Ordem concebeu uma variedade de recursos literários e linguísticos para lidar de um modo harmônico com o Intelecto e com a sua relação com as demais faculdades.** Três tipos de recursos, no entanto, são capazes de expressar adequadamente essa simbolização da Ordem. **Os três tipos linguísticos específicos são: Metáfora, Alegoria e Parábola.**

É importante ressaltar que o **método analógico está presente nos três recursos linguísticos.**

Metáfora: é um recurso de linguagem com o qual **um significado empresta a outro o seu objeto de referência.** Por exemplo, para dizer que se é gremista, diz-se: eu amo o time que é tricolor, azul, preto e branco, que joga a Libertadores, que está na série A. É usada uma Metáfora para explicitar algo meu e particular. Na Antiguidade a Metáfora era usada com profusão para explicitar a mais variada quantidade de coisas, desde rituais e liturgias pagãs até discursos retóricos na vida política das cidades gregas. **A Metáfora sempre foi um recurso de linguagem empregado com profusão para lidar com significações e referências, ou seja, na ausência de uma linguagem analítica capaz de expressar aquilo que quero expressar, emprego outra que substitui esta para explicitar a mesma coisa.** Ainda vale ressaltar que o recurso metafórico, embora seja mais próprio da sabedoria natural, está amplamente presente nas outras duas tradições.

Alegoria: o segundo recurso de linguagem era bastante empregado no contexto da simbolização da Ordem. A Alegoria **é o discurso narrativo que lida com símbolos sensíveis e inteligíveis para expressar uma narrativa que é inexpressável pela linguagem analítica.** Por exemplo, ao procurar no Google o termo “Jesus + Paraíso”, aparecerão vários desenhos diferentes mostrando como seria o Paraíso e descrições disso. Na *ars de la rinascita*, os grandes pintores renascentistas como Giotto, ao pintar a Cappella degli Scrovegni, em Pádua, explicitou boa parte dos aspectos interiores da ordem franciscana, tais como a vida de São Francisco e alusões a visão espiritual deste. Portanto, como explicar algo sem empregar recursos alegóricos? É impossível. **Será necessário empregar símbolos possíveis e inteligíveis para explicitar coisas que a linguagem analítica não é capaz de fazê-lo, ou seja, a linguagem meramente descritiva.** Sendo assim, a Alegoria é um recurso amplamente utilizado, sobretudo na primeira e na terceira tradições, pois usa símbolos sensíveis e inteligíveis para descrever estados de coisas que não são expressáveis por uma linguagem analítica.

Parábola: a linguagem das parábolas **é a explicitação de uma narrativa de sentido que faz alusão a um mundo desconhecido empregando objetos do mundo cognoscitivo.** Jesus Cristo, por exemplo, fala por meio de parábolas, tais como a dos talentos com a qual fala do Juízo. Dentro da tradição católica-cristã, usa-se o recurso da Parábola sem a qual não é possível entender adequadamente o que está sendo dito. **Se fizer uma leitura meramente analítica, não será possível entender nada analiticamente falando. Ou seja, algo que diz respeito a outro mundo – a um mundo desconhecido e imaginado – deve ser dito com o emprego de objetos e propriedades desse mundo, assim consegue-se explicitar aquilo que seria inexplicável ou inexpressável pelo recurso da linguagem deste mundo.** Pode-se notar que a diferença da Parábola para a Alegoria é a relação que explicação da

Parábola tem com outro mundo e a Alegoria pode ter, mas não precisa ter.

Conclusões acerca dos três modos de linguagem:

Nos três modos de linguagem sempre **lidamos com figuras, tipos e símbolos que tentam cavoucar esse horizonte indecifrável do conceito de Ordem, que aparece sob a forma conceitual e não pela forma figurativa** – ou seja, o signo com o qual lidamos ao falar de Ordem **é um signo meramente analítico, linguístico e conceitual**. Quando lidamos com o *Eu* profundo, que articula o Intelecto e as três demais partes que sustentam esse arcabouço cognitivo que conduz o ser humano a entender a Ordem desde um ponto de vista estrutural mental – Consciência, Vontade e Memória –, temos de supor que nos demais essa estrutura também está ali e, porque está ali, há algo compartilhado em nós. Algo que nos permite avaliar nos outros a tentativa real de buscar a Ordem por meio de um processo intelectual, que faz com que esse ser humano se envolva com a realidade e, portanto, se envolva com o conceito de Ordem e suas predicções. Faz também com que possamos avaliar adequadamente esse processo de busca da Ordem como um processo universal, ou não, portanto como um processo válido, ou não. **E a validade deste processo está no modo como esse ser humano vai saltar para além do seu próprio âmbito de experiência para sondar a Ordem por trás da metalinguagem e da sua condição de existência. Isso terá repercussões significativas para o que vamos chamar de teoria da representação política** – tema que iremos desenvolver a partir da segunda aula.

ⁱ Para relembrar os primeiros princípios do conhecimento, ver aula anterior.